

A VOZ DA RELIGIAO NO GARIRY.

« B' um DEUS q' por nês morreu,
Vind' a Paixão meditar;
Com o sangue que verteu,
Vinde o pranto misturar.

Ja q' foi nossa maldade
Qu' o fez tanto padecer.
Vinde Christãos por piedade,
Vinde com Elle soffrer. »



« O' Cruz veneranda,
Outr' ora nefanda,
O' Cruz veneranda,
Do meu Salvador !
Por ella DEUS nos inunda
De seus dons, de seu amor.
Fé te guardaremos,
Sempre te amaremos,
Fé te guardaremos,
Cruz do Redemptor ! »

A Voz da Religião no Gariry.

DOMINGO DE RAMOS.

— JESUS apressa o momento
Que a salvação nos detem !
Bethania o vê partir,
Recebe-o Jerusalem.

Como em triumpho o recebe !
Suspendei, Senhor, o raio:
« Hosana » agora lhe entoão
E depois . . . « Crucificai-o. » —

Aproximava-se a hora suprema, que o relogio da eternidade devia soar para a redempção da humanidade desgraçada.

E o Caastro no Saxton tão bem se aproximava á cidade maldita que hia consumir o crime o mais nefando — o deicidio —

Cinco dias antes d' elle, o HOMEN DEUS tinha chegado a villa de Bethania, pouco distante da Capital, e resuscitado a Lazaro.

Pela manhã põe-se á caminho para Jerusalem montado n' um jumentinho seguido da jumenta.

« Entrando assim na Cidade, á maneira dos antigos Juizes de Israel, mostrava o Salvador que era o Rei pacifico, o Filho de David, o Enviado do Saxton annunciado pelos prophetas. »

O povo bem o sabe ! Corre com ramos na mão ao seu encontro, alcatifa-lhe o caminho

com suas tunicas, e faz retumbar os ares com entusiasticas aclamações:

— Hosana! Hosana! Hosana ao HOMEN DEUS filho de DEUS !

No meio porem de seu magnifico triumpho o Salvador vê a ingrata Jerusalem e chora por ella.

— Sa ao menos hoje, dis elle suspirando amargurado, se ao menos hoje tu soubesses aproveitar-te da minha vizita, se quizessees fazer a paz com o Ceu . . . mas não, todas essas couzas estão occultas á teus olhos !

E chora lagrimas ardentes de commiserção, e exala suspiros de acerba agonia pela sua Jerusalem.

E Jerusalem não se converte ! mas DEUS não se cansa de ser misericordioso.

O Salvador se dirige para o templo, acompanhado do povo, e faz ainda ouvir á multidão palavras divinas de graça e salvação, e durante o seu discurso uma voz forte como a do trovão se fez ouvir do ceu, e com estrondo manifestou a sua divindade.

Ea o ultimo aviso do Pae Celeste aos judeus para que não se perdessem, e não se maculassem tão execrandamente derramando o sangue innocente do Justo.

Recordando hoje esta maravilhoso facto aos catholicos do mundo inteiro, a Sancta Igreja nos diz, como o Propheta aos judeos:

— Jerusalem ! Jerusalem ! conver-te ao Senhor teu DEUS.

A PROCISSÃO DE RAMOS

No domingo de Ramos, honra a Igreja a entrada triumphante do Salvador em Jerusalem.

Antes da Missa, benzem-se as palmas e começa a procissão, que é uma representação e commemorativa da entrada de Nosso Senhor na Cidade de Jerusalem.

Canta-se n'ella a passagem de S. Matheus, que narra esta gloriosa entrada.

Depois do canto do responsorio e das antifonas mais apropriadas á circumstancia, para-se á porta da igreja, que se acha feixada: isto não é sem mysterio.

A Igreja, elevando-se de repente á altas pensamentos, quiz representar-nos na expressiva linguagem de suas ceremonias, o estado do genero humano antes da entrada de Jesus Christo na Jerusalem celeste.

As suas portas estavam feixadas aos homens, mas os anjos lá habitavam.

E eis que os cantores, ou os meninos do Coro, os anjos, imagens dos Anjos na terra, penetram na igreja, figura do Ceu, e cantam com suas puras vozes o cantico eterno:

— *Gloria, laus et honor, tibi sit Rex Christo Redemptor!*

Honra, louvor e gloria á vós, Christo Rei Redemptor! —

Os fiéis, que estão fora, representantes dos homens deserrados do Ceu repetem o cantico dos Anjos: *Honra, louvor e gloria &c.*

Então o Sacerdote, imagem de Jesus Christo bate á porta com o conto da Cruz, pois a cruz é a chave que abriu o ceo.

Lego se abra a porta com o canto do responsorio triumphal:

— *Inproditate Dominus in sanctam civitatem, etc. etc.*

Quando o Senhor entrava na cidade Santa, os filhos dos hebreus, prophetas da resurreição para a vida, cantavam, com palmas na mão: *Hosana n. s. Alturas dos Ceus!*

Com o Sacerdote, isto é, com o Salvador entrando na igreja os fiéis que o acompanham e que rehuio na caminho da vida.

Em algumas igrejas, ainda hoje usa-se, quando o Sacerdote transpõe o umbral sa-

grado, os meninos do coro e os que estavam na igreja, abaixavam os ramos para fazerem homenagem ao glorioso vencedor do demonio e da morte.

Começa então a —

MISSA DE RAMOS.

Todo o officio deste dia é consagrado a honrar o Salvador de genero humano.

Por isso é que se canta a Paixão na Missa.

A fim de tornar-nos mais sensivel este terrivel acontecimento, faz a Igreja ouvir quatro vozes: *Texto, Bradados, Christo e o Povo.*

A voz do texto, é e deve ser representada no pulpito do lado do Evangelho por um Diacono, verdadeiro Chronista da Paixão.

A do Christo se representa no altar por um Presbytero.

A do bradado, que se canta no pulpito do lado da epistola pelo subdiacono, representa S. Pedro, ou outro qualquer discipulo do Senhor.

A da muzica finalmente, que significa, a synagoga, o povo etc.

Crê-se assistir ao lugubre drama: e não sei que sentimentos de terror, indignação, piedade e admiração, nos passam alternativamente pelo coração.

Experimenta-se então o que em vão se buscaria n'uma simples leitura da Paixão.

Com os accents mais proprios, energicos, intimos e expressivos se fazem ouvir as quatro vozes da Paixão:

Texto—Eis a Paixão de N. S. JESUS CHRISTO, segundo refere S. Matheus— Naquelle tempo disse Jesus aos seus discipulos:

Christo — Vós sabeis que daqui a dois dias se ha de celebrar a Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado.

Texto. — Então se ajuntaram os Principes dos Sacerdotes, e os magistrados do povo no atrio do principe dos Sacerdotes que se chamava Caiphaz: e tiveram conselho para prenderem a Jesus com saguão e fizeram-no morrer. Mas dizião elles:

Muzica — Não se excede isto no dia da festa, para que não succeda levantar-se algum tumulto no povo.

Texto. — Então um dos dōze, que se chamava Judas Iscariotes, se dirigio' aos principes dos sacerdotes, e lhes disse:

Bradado. — Que me quereis vós dar, e eu vol-o entregarei?

E assim prosegue alternativamente entre as quatro vozes o canto da Paixão, e quando o Evangelista do texto nos dis em vóz maguada, em notas de profunda dor — Jesus autem iterum clamans voce magna emisit spiritum — Jesus; pela segunda vez dando um grande brado, expira —

ajoelha-se todas os sacerdotes e todo o povo e por algum tempo deos reinar o mais profundo silencio.

Esta cerimonia angusta e tocante serve para significar que até a mesma

« Natureza opprimida
Nos tranzes do autor da vida
Deu signal de mudo horror,
Deu o de ruina signal
Os insensíveis presentem
Que palpez o Criador.
..... »

Termina-se a Missa, e os feis lerão para suas casas os ramos beatos como uma preciosa reliquia e uma lembrança do triumpho do seu DEUS.

TREVAS.

Na segunda, terça e quarta feira santa, contida a Igreja a recordar-nos os diversos acontecimentos que precederam a Paixão do Salvador; assim, na quarta feira á tarde começa o officio das Trevas.

Campõe-se das Matinas e Laudes do dia seguinte, que se cantam na capera por antecipação.

Deu-se a esta parte do officio o nome de Trevas, porque, para o fim, todas as luzes se apagam, tanto para exprimir a profunda tristeza da Igreja, como para representar as trevas de que se cobria toda a natureza quando morreu Nosso Senhor.

O apagar das luzes recorda tambem um facto historico da nossa bella antiguidade christã.

O officio que fazemos á tarde fazia-se de noite, e durava até pela manhã.

A' propposição que se arisinhava o dia, iam-se apagando successivamente as velas que não eram necessarias.

Estas velas eram e ainda são cirios collocados n'um candelabro triangular, á esquerda do altar.

São ordinariamente em numero de quinze, sete de cada lado e um no meio.

Os cirios de cada lado apagam-se successivamente no fim de cada psalmo, e começando pelo mais baixo do lado do Evangelho; depois do outro lado, e assim alternativamente até que não reste mais que o do meio, que se deixa arder.

São de cêra amarella, como prescreve uma antiga orden romana, porque a Igreja não emprega outros na esquiua e no grande lucto.

O que está collocado no meio do candelabro triangular é ordinariamente de cêra branca, por que representa Jesus Christo.

Áo ultimo versiculo do Benedictus, desce-se e esconde-se atraz do altar em quanto se recitam o psalmo Miserere e as orações; depois torna-se a trazer.

Esta cerimonia figura-nos a morte e resurreição do Salvador.

Os outros quatorze cirios representam os onze Apostolos e as tres Marias.

Apagam-se para nos recordar a fuga d'uns e o silencio dos outros durante a Paixão.

Todo o officio das Trevas tem o cunho da mais profunda dôr.

Só n'elle se ouvem quatro vozes: a de David, que chora na sua harpa as affrontas e a morte do seu Senhor e filho; a de Jeremias, que, equalando as lamentações ás dores, canta as ruinas de Jerusalem e os tormentos da angusta Victima; a da Igreja, cujos ternos accents chamam seus filhos á penitencia; Jerusalem, Jerusalem, converte-te ao Senhor teu DEUS; e finalmente, a das santas mulheres que tinham seguido a Jesus desde a Galilèa, e que choravam atraz d'elle subindo ao Calvario.

Não ha chefe e pastor para presidir ao officio d'estes tres dias; pois está escripto:

Eu ferirei o Pastor, e as ovelhas do rebanho serão dispersas.

Por todas as parte, tristeza e lucto.

Os zinos não se deixam ouvir.

O officio é seguido d'um ruido confuso, lugubre recordação do andar e da queda por terra da cohorte que, armada de paus e guada por Judas, foi, á noite, prender o divino Salcador no jardim das Oliveiras.

A malraça, de que se faz uso em certas Igrejas para chamar o povo ao officio nos ultimos dias da Semana Santa, nos transporta aos tempos antigos em que se sorriam de trabalhos para anunciar as assembleas sagradas.

Tal é o officio da quarta feira de Trevas.

MEIOS DE SUSTENTAR AS CASAS DE

CARIDADE TENDO SÓ POR PATRIMONIO A PROVIDENCIA DIVINA, e o coração dos feis.

(Continuação do numero 54.)

Por tanto, quacs quer terras e gados de creação se emveterão em dotes para as Orphãs, em arranjos da casa, e quando muito se faça alguma solda para ajudar as despesas do vestuario.

Em quanto o systema do trabalho se não estabelecer, esses bruns vão sustentando as despesas da casa; mas estabelecido, é um mal continuar, ainda por nutrir o orgulho, a preguiça das mulheres, esperando pelo rendimento do patrimonio.

Nenhuma Orphã será julga la apta para crisar, ou ter completa sua educação, sem aprender à tecer, fiar no enjaulo, fazer sapatos e trabalhar para a casa.

É um bom dote para as Orphãs os instrumentos d'estes officios.

É este o pensamento e direcção que dá o Padre José Antonio de Maria Ibiapina, intêndido das Casas de Caridade nos centros das Provincias do Ceará, Parahiba, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

 AGRACEDIMENTO.

Os abaixo assignados, extremamente penhorados pelo obsequioso tratamento com que os honrou o Capitão João Victorino Gomes durante os poucos dias que demoraráo em casa deste por occasião da demoreção do seu sitio, cumprem um grato dever dando-lhe pelo presente um publico testemunho desse sentimento; e reputarão incompleta esta demonstração se a elle não assignassem a muito digna e estimavel Senhora d'essa Cavalheira.

Desses poucos dias prazenteiramente passados á sombra da mais franca e affectuosa hospitalidade conservarão sempre os abaixo assignados mui grata recordação.

Crato 31 de Março de 1870

José Francisco Pereira Maia
 Fencion Bomil... da Cunha
 Joaquim José de S^a Anna Milfonte
 Simão Correia de Macedo
 José Ferreira Lima Dié
 Antonio Cosmo de Albuquerque Mello
 Raymundo d'Alcantara Maia.

ALLOCUÇÃO PROFERIDA PELO ALFERES

JUVENAL D'ALCANTARA PEDROZO

n'a reunião da Musica Religiosa do Internato na chacara do Pisa em 3 de Abril de 1870.

Srs. Musicos do Internato!

Não é o sentimento da vaidade transitoria em um entoldido apreço de impressões passageiras que constitue o objecto de meu intuito perante vós.

O fim que traho em vista é agradecer a honra do convite que me fizestes para esta solemne reunião e, aproveitando a occasião que julgo opportuna, dar um testemunho de admiração e affecto que convejo àquelle que inspirou a creação do INTERNATO DO CEMARIO DE MARIA em favor do qual não tem poupado esforços seu digno Vice Director.

O sentimento de gratidão e reconhecimento de que está cheio e abunda no coração dos Cratenses pelos recatados serviços que prestou á cauza da Religião e da sociedade, o Apóstolo de DEUS, Dom. Ibiapina, são dignos, a todo tempo, dos louvores que com respeito e profundo acatamento lhe tributa um povo humilde.

Não mencionarei todos os beneficios que aquella alma inspirada por DEUS fez e continúa a fazer, la d'onde quer se volte, á esta Cidade, basta que diga que á proficiência de luzes derramada por aquelle espirito o devoceão, iminentemente religioso, e ao fervoroso zelo apostolico, que dozevoico, deve este lugar um adiantamento espartozo!

Vós sois uma bella prova desta verdade.

E de que modo conseguio, aquelle Santo emissario do Senhor tudo isto?

De uma maneira admiravel — pelos effeitos de sua palavra autorizada, e pelos accents de uma voz doce e suave que profugiu o vicio e prega a moral para do Evangelho.

Contai pois, meu amigo, com a protecção Divina e marchai attivos na estrada da civilização!

Quê tensis?

Sois a fé, sois a força, sois o numero.

Avante, mocidade!

Abriza de tanto que passo, ao escutar vossa harmonia, demora-se embretendo-se na FACHA que vos pendu ao lado, como annunciando a vossa gloria e o porvir risonho que vos espera.

Marchai attivos, mocidade estudiosa, e contai com as palmas de todos.

Virão os Musicos do Internato!

& & &

Crato, Largo da Matriz, Typ. do Internato: n.p. pro Deus-dedit J. M. Teillis.